

Revista Filosófica de Coimbra

vol.14 | n.º27 | 2005

Amândio Coxito
Mário Santiago de Carvalho
Henrique Jales Ribeiro
Diogo Ferrer
Moisés de Lemos Martins
Andrzej Wiercinski
Alexandre Costa

VINCENT, Gilbert (dir.), *Le corps, le sensible et le sens*, Presses Universitaires de Strasbourg, Strasbourg, 2004.

Sob a direcção de G. Vincent, professor da Universidade March Bloch e investigador do Centre de Sociologie des Religions sediado na mesma Universidade, reúnem-se neste volume os trabalhos apresentados ao longo das várias sessões do Seminário organizado pelo grupo de investigação “Ética e Direitos do Homem”. Caracterizada por uma abordagem pluridisciplinar que privilegia os lugares de fronteira entre diferentes áreas do saber, a obra em apreço constitui um precioso instrumento de trabalho para todos quantos procuram meditar - na contraluz dos hodiernos fenómenos “que tornam plausível a afirmação de uma organização crescente do mundo da vida” (p. 8) e de uma “tecnificação acelerada da relação ao corpo próprio” (p. 8) - a *espessura corporal da nossa presença a nós e aos outros*.

O primeiro capítulo do livro tem por título *Le corps: intimité et alterité; objectivation et aliénation* e agrupa dois trabalhos que poderíamos integrar no horizonte de uma sociologia do corpo. São eles *Corporéité: présence, sensibilité et vulnérabilité* de G. Vincent (pp. 15-46) e *Le plaisir de se gouverner: les grignotages enfantins entre bio-pouvoir et techniques de soi* de N. Diasio (pp. 47-62). G. Vincent propõe-se interrogar os traços de gnosticismo patentes nos fenómenos actuais de construção de um corpo disciplinado, de um corpo *re-educado*. Ilustrando a sua posição com a despersonalização do corpo do soldado, a quem a disciplina obriga a separar do corpo da vontade pessoal para permitir a *incorporação* num novo *corpo* colectivo, e recorrendo a um fértil e informado conjunto de referências sociológicas e filosóficas, G. Vincent procura trazer à evidência os contemporâneos fenómenos de autonomização, alienação, domesticação e uniformização do corpo (p. 29), defendendo ao mesmo tempo a necessidade de uma revigorada *filosofia do corpo*, capaz de meditar a partir do primado da *relacionalidade* (p. 43). Tal será o justo caminho para, entre o corpo faustico da performance de alto rendimento e o corpo caído da repulsa e da negação, pensar a corporeidade como “*sensorium* de uma co-humanidade frágil” (p. 44).

O segundo texto deste primeiro capítulo tem por base uma investigação sociológica sobre os hábitos alimentares informais dos jovens na faixa etária dos 7 aos 10 anos de idade. Incidindo sobre uma amostra constituída por um grupo de jovens de um bairro de Roma e outro de um bairro parisiense, o estudo propõe-se considerar as relações que, em redor da *grignotage* infantil, se estabelecem entre representações socio-económicas, decisão de consumir, práticas alimentares e relações familiares. Claramente inspirado pelos trabalhos de M. Foucault, o estudo em questão revela-se interessante na consideração de um *corpo quotidiano* - que sempre resume em si o *ar do tempo* - e na proposta de novas

abordagens disciplinares ao fenómeno da corporeidade. Neste sentido, procura a autora mostrar que o caso particular das “refeições informais” permite evidenciar de que modos se articulam diversas dimensões existenciais ou “marcadores de identidade” (p. 60) e se organizam novas “modalidades de socialização familiar e extra-familiar” (p. 60).

Le dépassement de soi et le surhomme, selon Nietzsche. Perspectives gnostiques é o título que encima o segundo capítulo desta obra. Reúnem-se aí três ensaios da autoria de Jérôme Porée, Yves Ledure e David le Breton.

No aliciante e, a vários títulos, provocador texto intitulado *Corps souffrant: la défaite du surhomme*, J. Porée parte da questão de saber se podemos, de facto, considerar o *super-homem*, como sustentou Nietzsche, um “possível do homem” (p. 69). A questão não é ingénua. Com ela pretende o autor pôr à prova uma “metafísica da vida”, concebida como vontade de poder, no confronto com uma fenomenologia do sofrimento tal como pode ser estabelecida, nomeadamente, a partir de duas situações limite: a experiência concentracionária e a depressão em sentido psiquiátrico (p. 73 e ss.). Nestas situações extremas, torna-se claro que o pensamento do *super-homem* e a sua consideração do sofrimento não correspondem a uma possibilidade verdadeiramente efectiva do homem: nessas situações, sofrer mais é querer mais, mas não mais sofrimento. Para o *homem simplesmente homem* as experiências a que alude o autor revelam fundamentalmente que a relação com o sofrimento guarda um *significado positivo* na revolta e na esperança. (p. 73) e só aí, verdadeiramente e sem contradições, se faz a opção pela vida. O sobrevivente do campo de concentração revolta-se negando o que oprime e, ao mesmo tempo, sobrevive na pura aspiração a uma outra possibilidade de vida; o doente depressivo, ante uma vida que não vale a pena ser vivida, opta ainda por viver apenas porque espera algo de *Outro*, quando nada mais há a esperar (p. 83).

No segundo texto deste capítulo, *Nietzsche et la réappropriation du corps. Un nouvel exercice de la philosophie*, Y. Ledure oferece-nos um estudo profundo sobre a questão do corpo e da doença, assumindo por referência a obra de Nietzsche, precisamente porque nela se entrecruza de modo particularmente significativo o itinerário existencial particular do filósofo alemão (p. 85). O resultado desta meditação chama a pensar a partir de aspectos que reputamos centrais no contexto de um debate alargado sobre o tema da saúde. Uma questão resume o ponto de partida assumido: que nos ensina sobre o corpo da afirmação de si esse filósofo *cronicamente doente* (ao ponto de alguns dos seus comentadores, como G. Morel, afirmarem que a “doença se tornará consubstancial à sua obra”) (p. 87)? Com Nietzsche aprendemos que “não é a doença que define e situa o doente, mas antes a relação deste com a sua vitalidade” (p. 87). Cada um é, assim, o seu próprio *primeiro médico*, na medida em que a saúde é questão de sentido da própria existência, do cuidado de si que não se limita à simples identificação e supressão de sintomas. “Não é a doença que importa mas aquele que se diz doente” (p. 88). Ou seja, os sintomas são-no sempre, verdadeiramente, de uma existencialidade que se testemunha, o que obriga a concluir que se falha o essencial da saúde na redução do corpo a um corpo orgânico. O corpo não é o lugar da doença ou de uma qualquer ideia abstracta de saúde estabelecida a partir de critérios *técnicos*. Como bem viu Nietzsche, o *corpo é lugar de inúmeras saúdes*, o que equivale a afirmar que falar de saúde é falar de singularidades pessoais irreduzíveis a critérios de *normalidade exemplar* (p. 91). Numa palavra, a saúde é questão de uma “totalidade global do sujeito” (p. 94) que se simboliza a si próprio nas próprias metamorfoses de uma existência sempre por fazer.

Encerra o segundo capítulo da obra um texto, breve mas particularmente sugestivo, de David le Breton intitulado *Imaginaires de la fin du corps*. Retomando algumas das teses desenvolvidas em *L'Adieu au corps* (2000) e em *Signes d'identité. Tatouages, piercing et autres marques corporelles* (2002), o autor começa por traçar os contornos definidores do

que considera ser a atitude contemporânea em relação ao corpo. Para o investigador francês, o corpo “já não é a encarnação irredutível de si” (p. 97) mas cada vez mais um *acessório da presença de si*, uma construção, um *objecto transitório e manipulável*, enfim, o material apropriado a um cada vez mais visível *design* da representação de si. Os fenómenos do *body building*, dos regimes alimentares estritamente vocacionados para a modelação do corpo, dos novos cosméticos que prometem ora um bronzado inigualável ora uma pele eternamente jovem, do consumo crescente de produtos dietéticos e energéticos, da importância crescente do exercício físico localizado, dos *piercings*, tatuagens, *brandings*, do transsexualismo, da *body art*, são outros tantos exemplos do domínio hodierno de uma sobre-representação do corpo, ícone de uma *moral da presença* que tende a esgotar a realidade do corpo na de instrumento efêmero de uma incessante e sempre superficial metamorfose da identidade. Perdendo progressivamente a qualidade de referência inflexível de uma história pessoal, o corpo modelável, transformável, redesenhável, apenas ganha dignidade na transformação pela técnica. E se o corpo não é senão esse esboço tosco que urge corrigir, como não ver no corpo o dispensável, o puramente transitório, o último passo a superar no sentido de uma humanidade sem corpo? Esta é a visão de algumas correntes da cibercultura (p. 99). Para estes novos gnósticos, o corpo é uma *realidade facultativa* (p. 99), tanto mais dispensável e inútil quanto a comunicação, o encontro, o sexo, a viagem, etc. se podem processar numa realidade virtual, limpa e conformada que, aparentemente, não reclama já o corpo como condição. Para estas teorias, a humanidade só contra o corpo e apenas como máquina se estabelecerá definitivamente. A *humanização do computador* (p. 100) será o derradeiro passo dessa esperada *ciborguização* (p. 101). A atenção a estes fenómenos é importante. O autor faz notar que a relação ao corpo é talvez um dos modos mais rigorosos de analisar a sociedade em todas as suas dimensões políticas, culturais, económicas. O homem existe apenas através de formas corporais, pelo que a sua imagem do corpo será sempre um dos pilares da sua própria definição de humanidade.

O terceiro capítulo da obra em análise, *Symboliques et liturgies de la réconciliation*, agrupa dois ensaios: *Corps et salut dans la théologie catholique* de Jacques Joubert e *La dignité humaine. Perspectives éthiques et théologiques* da autoria de Marie-Jo Thiel.

O texto de Jacques Joubert, vigoroso e rico em possibilidades de leitura, aborda a questão do corpo, antes de mais, a partir das dificuldades de interpretação teológica que sempre colocou o discurso que associa num mesmo conjunto “a Encarnação (...) e a fé na ressurreição por um lado, e, por outro, uma concepção profundamente marcada pelo neoplatonismo e a sua visão no mínimo pessimista da corporeidade” (p. 108). A partir daqui, e num discurso que conjuga informação e análise crítica, o autor organiza a sua reflexão ao longo do encadeamento de três pontos decisivos. Antes de mais, investiga o tema da pureza e da castidade. Num segundo momento, invoca a figura de Maria que pondera à luz de dois aspectos decisivos: “a virgindade e a assunção” (p. 119). Finalmente, num último momento, é apresentado o tema do “corpo eucarístico, corpo místico, corpo da igreja” (p. 123 e ss.) que assume como ponto nuclear o mistério da Trindade. A partir daqui preparam-se as conclusões. Destacamos uma: a salvação é “reencontro do corpo e da voz que o atravessa, do corpo e da palavra que o escreve. Reencontro da carne e da palavra na Encarnação, corpo a corpo com a voz na Eucaristia” (p. 129).

Partindo de um conjunto de considerações sobre a questão da eutanásia e dos cuidados paliativos, Marie-Jo Thiel propõe-nos uma meditação sobre o tema da *dignidade* na confluência dos discursos filosófico, sociológico, jurídico e teológico. O ensaio organiza-se, a nosso ver, ao longo de três grandes momentos. Num primeiro momento, a autora

propõe-nos o estabelecimento de um discurso complexo sobre a dignidade distinguindo, neste sentido, três níveis de abordagem: a perspectiva de uma dignidade ontológica, de uma dignidade subjectiva e de uma dignidade objectiva (p. 136 e ss.). Num segundo momento, é abordado o contexto antropológico e ético que pode ser dito enquadrar a articulação sistémica supra referida. O terceiro grande momento deste trabalho investiga, numa perspectiva predominantemente teológica, a questão da dignidade considerando os temas da "dignidade da criatura segundo a Bíblia e no Cristianismo" (p. 147-151), da "liturgia eucarística" (p. 151-154; 158-161), do "perdão (per-don) e elevação litúrgica" (p. 154-156) e, finalmente, da relação entre "liturgia de comunhão e agape" (p. 162-163).

O capítulo quarto, com o título *Frontières du moi, ouverture du soi*, abre com o ensaio de Karsten Lehmkuhler dedicado ao tema *Entre magie et spiritualisme: le corps, un défi pour la théologie*. Propondo uma interpretação teológica "não apenas do corpo humano, mas do corporal e da corporeidade em geral" (p. 168), K. Lehmkuhler organiza o seu trabalho ao longo de três pontos claramente identificados. Num primeiro momento, tratar-se-á da afirmação da encarnação como centro da fé cristã (p. 168-173); numa segunda parte, somos introduzidos numa reflexão que aborda uma concepção teológica do corporal como refutação das posições extremadas que sobre o tema assumem a *magia* e o *espiritualismo* (p. 173-179); um terceiro e último momento do ensaio em questão começa com a consideração do corpo humano na ética cristã (p. 179-181) e termina com a aplicação dos traços decisivos da reflexão desenvolvida a uma questão concreta e cujo debate continua a marcar a agenda actual: os direitos do embrião (p. 181-184).

O segundo texto deste quarto capítulo é da autoria de Bernard Boutter e intitula-se *Corps étranger, étrangeté du corps: Regard anthropologique sur le démoniaque et sur la guérison pentecôtiste*. A preocupação que orienta este estudo parece-nos ser a de ponderar a que ponto é significativa a presença do corpo e a ideia de cura nas celebrações pentecostistas. O ensaio desenvolve-se ao longo de uma informada apresentação da implantação das Igrejas de Pentecostes, da capacidade de ajustamento aos contextos sócio-culturais em que se inserem, dos seus rituais, das suas características mais definidoras, da importância dos fenómenos de transe, das diferenças e semelhanças com expressões do pensamento mágico-religioso tradicional, da importância atribuída ao corpo e respectivos traços configuradores. Termina com a análise do fenómeno do corpo *possuído* por relação ao qual as celebrações pentecostistas se apresentam muitas vezes como lugares de *práticas terapêuticas*.

O capítulo quinto – *Projeter et consentir: vivre* – introduz na abordagem multidisciplinar do corpo, que norteia a publicação em análise, a perspectiva hermenêutica. Reunindo três textos de inegável interesse e profundidade filosófica, constitui este último capítulo um contributo não só para situar a perspectiva hermenêutica sobre o corpo no contexto dos hodiernos discursos sobre o tema, como também para situar a própria questão do corpo no horizonte da meditação hermenêutica.

Os dois primeiros trabalhos agrupados neste capítulo são da autoria de Daniel Frey. Conciliando a finura de análise e a vivacidade da interpretação actualizada, o autor dedica o primeiro texto ao horizonte da fenomenologia hermenêutica de P. Ricoeur, orientando o segundo, principalmente, para a análise dos textos que H.-G. Gadamer dedicou ao tema da saúde. Sobre Ricoeur escreve o investigador a propósito do *sujeito agente e sofredor*, expressão incontornável com a qual o filósofo de Valence se propôs pensar, de modo novo e filosoficamente consistente, "a encarnação do sujeito, o seu ancoramento no mundo" (p. 220). Assumindo como referências principais os textos de *Le volontaire et l'involontaire* e *Soi-même comme un autre*, D. Frey propõe-se centrar a sua análise na intercepção da teoria da acção e da afirmação da estrutura narrativa da identidade. Neste sentido, começa

por meditar a dialéctica do agir e do sofrer tal como é primeiro formulada em *Le volontaire et l'involontaire*. Afí descortina o investigador os primeiros traços de um caminho filosófico que será o da consideração do “homem capaz” na plurivocidade das suas dimensões. Tal caminho será consubstanciado por uma “hermenêutica do si” (p. 227), evidente nas densas páginas de *Soi-même comme un autre*, onde se desvenda a realidade de uma identidade *ipse* à qual não chegamos senão por via indirecta, ou seja, através dos signos da “existência concreta” (p. 227): a palavra, a acção, as narrações, a responsabilidade ética. Para fixar a atenção sobre a hermenêutica da *via longa* que assim se reclama, o autor entrelaça de forma feliz os conceitos de *atestação, aplicação e identidade narrativa* (p. 233) podendo terminar com uma tese certa sobre a questão do corpo que elegeu como ponto de partida para este ensaio: “É pela linguagem que o corpo, mesmo no sofrimento, se dá a viver, a compreender como ‘corpo-sujeito’” (p. 235).

O segundo texto de Daniel Frey, atento ao alcance e aos limites do contributo de Gadamer para uma reflexão filosófica sobre a saúde, apresenta uma dupla intenção: num primeiro momento, trata-se de ponderar o conteúdo do discurso gadameriano sobre o corpo e a saúde; num segundo momento, e partindo dos resultados da análise anterior, é intenção do autor avaliar a pertinência de tal discurso à luz do desenvolvimento das novas tecnologias médicas, na medida em que tal obriga a repensar as relações entre “ciência e técnica, saber prático e arte médica” (p. 244). Para tanto, o autor propõe-nos uma abordagem estabelecida a partir de três perspectivas críticas: a primeira incide sobre a concepção gadameriana de medicina, onde se articulam a ideia grega de totalidade harmoniosa, o ocultamento de si como forma de deixar a natureza agir e a definição de arte médica não como ciência ou técnica, mas como saber prático; a segunda diz respeito à interpretação da ética de Aristóteles e, nomeadamente, do lugar central que Gadamer atribui à *phronesis*; a terceira perspectiva crítica debruça-se sobre a especificidade da filosofia prática, tal como Gadamer a define, sublinhando a importância da *aplicação*.

Este quinto capítulo da obra dirigida por G. Vincent encerra da melhor maneira com um texto denso e vigoroso da autoria de Maria Luísa Portocarrero dedicado ao tema *Savoir pratique et herméneutique chez Gadamer: les conditions d'une éthique philosophique*. Trata-se aqui de interrogar – ante o facto de nenhum desenvolvimento da formação da consciência sócio-política ter seguido o mesmo passo do progresso técnico e científico da nossa civilização (p. 266) – a necessidade de remeditar hermeneuticamente as condições de uma ética filosófica. Partindo da constatação de que o modelo de conhecimento e de acção fundado sobre o tratamento puramente metodológico da verdade ameaça hoje reclamar o monopólio da formação do homem moderno e contemporâneo, mostra a autora que “o paradigma moderno não é o único modelo de saber” (p. 263). Tal é demonstrado pelo facto de, face a essa empresa que vê a verdade como consequência do método, a *praxis* humana resistir e reclamar um outro modelo de verdade. De facto, ao modo finito e histórico propriamente humano de habitar o mundo nas suas contingências e dilemas, absurdos e problemas, não responde apenas o *saber fazer* eficiente da tecnociência, mas antes um *saber agir* que se funda nas relações inter-humanas e se consubstancia na capacidade de discernimento sobre o que vale. A condição de um novo *universal* filosófico encontra aqui o seu ponto de referência, neste regresso ético e hermenêutico “à disposição do homem para a *theoria* e a *paideia*, ao seu interesse pela cultura e pelas questões últimas” (p. 268). Remeditar hoje as condições de uma ética filosófica implica, pois, “a imperiosa exigência de uma aplicação hermenêutica, na situação concreta de uma prática dialógica” (p. 273).

O último texto reunido neste volume, *Le corps: sujet et objet des droits de l'homme* de Patrice Meyer-Bisch foi colocado pelo organizador do volume num momento de conclusão, pretexto derradeiro para formular a tradicional questão “somos ou temos um

corpo?” a partir de uma perspectiva ético-jurídica. O escopo do ensaio é claro: “Trata-se de mostrar que o individualismo intransigente do sujeito dos direitos do homem é inseparável do respeito não menos vigoroso pelas suas capacidades de fazer comunidade através dos seus objectos e, antes de mais, no seu corpo” (p. 277). A demonstração de tal possibilidade assenta nas seguintes teses: a compreensão do sujeito não dispensa a análise das suas ligações sociais, culturais e económicas, enquanto estas representam outros tantos modos de interacção (p. 279-282); não há subjectividade sem a arte de “atenção” ou eco-racionalidade (p. 238) do meio habitado, sem uma sabedoria *phronésica* da *casa*, zona de interface entre público e privado, entre recolhimento e acolhimento, entre espaço e tempo (p. 285); a “variedade cultural é o capital de toda a cultura política democrática, como de toda a criatividade económica” (p. 290) sendo por isso a medida da identificação pessoal que se forja na identificação dos direitos feitos próprios.

Luís António Umbelino